

TEMPORALIDADE EVENTUAL E CONSTRUÇÕES DO MENTAL: O PAPEL DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Alexandre Antônio Gíli Náder (UFPB)
Rosa Maria Godoy Silveira (UFPB)

Introdução

Em trabalho anterior (NÁDER, 2004, veja, particularmente, as Considerações Finais e o Apêndice), os autores do presente texto apontavam a possibilidade de estabelecer uma relação de correspondência – do tipo biunívoca, um para um – entre os elementos integrantes da tríade da duração braudeliana (BRAUDEL: 1983) e as três componentes da fundamentação para a produção de narrativas históricas.

Desse modo, à epistemologia corresponderia a longa duração (temporalidade estrutural), à teoria, a média (temporalidade conjuntural) e à metodologia, a curta duração ou temporalidade eventual.

A fonte de inspiração para a proposição dessas correspondências, conforme explicitado na referência mencionada, é a experiência acadêmica pregressa de um dos autores em outra área do conhecimento, a Física, mais especificamente, física das partículas elementares e teoria quântica de campos (cf HAWKING, 1999). Ali, também, é utilizada a idéia de famílias (afinidades) e gerações (estabilidade ou, alternativamente, massa) para classificar as partículas elementares, quarks e léptons.

Nessa mesma perspectiva, é indicada uma outra virtualidade de correspondências entre os integrantes das duas famílias caracterizadas acima (a das bases para a produção do conhecimento) com uma outra família que aqui designaremos como a das elaborações mentais-simbólicas, ou das construções do mental ou, ainda, do mundo das idéias.

Nessa segunda sugestão, para o conceito de mentalidade era proposta uma proximidade com a estrutura- e, portanto, com a epistemologia- e, ao conceito de ideologia, aproximação com a conjuntura- e, assim, com a teoria.

Naquele momento, persistia uma lacuna em relação ao conceito das elaborações mentais-simbólicas que seria associado, simultaneamente ao tempo dos eventos e ao método. Este trabalho tem por fim evidenciar, a partir de um debate sobre o processo de construção do conceito e as diversas acepções que a ele podem ser atribuídas, que o conceito de representação social, preenche, ao nosso ver, os requisitos para suprir a lacuna identificada.

As Tríades

Na formulação acima referida (NÁDER, 2004), propusemos uma sistematização das várias relações que vislumbramos entre processos mentais-simbólicos, processos temporais e processos de conhecimento, assim organizada e já complementada com a inclusão da terceira geração da família das elaborações mentais-simbólicas:

Processos	Configurações		
Elaborações mentais-simbólicas	Mentalidade	Ideologias	Representações Sociais
Temporalidades	Estrutura	Conjunturas	Acontecimentos
Conhecimento	Paradigma	Teorias	Metodologias

O quadro tem uma dupla leitura: horizontal, no âmbito de cada modalidade de processos (família), e vertical, relacionando tais modalidades entre si (gerações).

Por **Elaborações mentais-simbólicas**, entendemos os processos de percepção, interpretação e significação que o ser humano cria e vivencia nas suas relações com a natureza e com os demais seres humanos. Tais processos assumem três configurações distintas: mentalidade, ideologia e representação social. De **Mentalidade** denominamos o conjunto das elaborações mentais-simbólicas de uma civilização (BRAUDEL, 1992), uma espécie de fundo ou repertório, dotado de significativo grau de estabilidade (tanto no que concerne ao tempo quanto no que diz respeito à sua abrangência social), de simbolizações comuns a seus membros. Estes sacam, desse repertório/patrimônio, recursos para a elaboração de suas interpretações sobre o mundo, lembrando-se que tais interpretações são sempre reelaborações, na medida em que se articulam os recursos herdados e sacados com as experiências vividas numa média duração que abarca o presente histórico, a partir dos lugares sociais que as pessoas ocupam e de onde percebem o *vivido*. Desse modo, variando os lugares sociais, variam as interpretações. As **Ideologias** correspondem a diferentes cosmovisões elaboradas segundo os lugares sociais (de classe social, de grupo identitário), expressando perspectiva(s) de coletivos sociais parciais, ou seja, de segmentos de uma sociedade nas diferenças e desigualdades que as compõem. Por sua vez, as diversas formulações ideológicas se constituem em fundos ou patrimônios simbólicos de classes ou grupos identitários de onde os seus membros sacam recursos para a percepção e a interpretação de suas experiências, mais imediatas e localizadas, como sujeitos, a que denominamos de **Representações Sociais**, de modo

preliminar, pois que voltaremos a esse conceito no próximo item, e que é o foco central desse trabalho.

Nos **processos temporais**, ou **temporalidades**, a formulação de Braudel (1983) sobre a duração nos oferece o suporte teórico para distinguir três configurações temporais distintas: estrutura, conjuntura, acontecimento. Como **Estrutura**, o historiador francês identificou a longa duração, do tempo quase imóvel, das permanências históricas. Como **Conjuntura**, a média duração, em que se processam mudanças de ordem econômica, social, política, cultural, na estrutura. E como **Acontecimento**, evento, a curta duração, o tempo rápido como a espuma das ondas, nervoso, das milhares de pequenas mudanças do cotidiano.

No âmbito da **produção do conhecimento**, tomando como referência aquele de caráter sistemático, podemos dizer que este se constitui como um conjunto de elaborações mentais-simbólicas *específicas* que se utilizam do fundo de simbolizações da sociedade abrangente, mas que as manipulam – no sentido de manejar, e não de falsear – de maneira peculiar, em interação com situações vividas e interpretadas também de modo peculiar, através de procedimentos diferenciados em relação a outras elaborações mentais- simbólicas. O acúmulo de tais procedimentos, em uma duração, configuram um referencial-padrão ou **Paradigma** – que pode, numa perspectiva complementar, ser, também, pensado como uma Epistemologia, uma vez que é por seu intermédio que se estabelecem as relações entre o novo conhecimento em produção e aquele outro, previamente existente – , um modelo de racionalidade a partir do qual se produzem novas elaborações ou conhecimentos. Não sendo estas homogêneas, comportando várias possibilidades diversificadas em torno do eixo central de elaboração mental-simbólica, tais variações constituem as **Teorias**, conjuntos de conhecimentos metódicos e sistemáticos, de regras, leis, conceitos, que efetuam diferentes combinações dos elementos/componentes da racionalidade paradigmática em que se inserem, combinações essas que variam também em função dos diversos objetos e campos do conhecimento. Finalmente, as **Metodologias** são as práticas sociais de elaboração de conhecimentos (com destaque para os procedimentos de aproximação ao real nelas contidos), de variações concretas das teorias e tendo como fundo mental-simbólico epistemológico o paradigma, mediante o processo de investigação, que, por exigir reflexão sistemática, organizada e metódica, se distingue peculiarmente.

Passemos à leitura vertical ou de percepção das relações entre as tríades de cada modalidade de processo.

Os **processos mentais-simbólicos**, porquanto humanos, ocorrem e decorrem em **temporalidades**. Como fundo de simbolizações duradouras, de maior permanência, a **mentalidade** se constitui como estrutura mental-simbólica. Como variações coletivas (classe ou grupo) da mentalidade, as **ideologias** se realizam em e como conjunturas mentais-simbólicas. Como variações das ideologias, as **representações sociais** se fazem no tempo cotidiano e espumante, como diria Braudel.

Sob a forma de Conhecimento, as elaborações mentais-simbólicas de longo alcance temporal constituem o **paradigma**; como **ideologias**, ou elaborações mentais-simbólicas de médio alcance, se concretizam no conhecimento enquanto **teorias**; como **representações sociais**, ou elaborações mentais-simbólicas de curta duração, se concretizam como conhecimento em **metodologias**.

Por sua vez, as **temporalidades** se insemnam nas elaborações mentais-simbólicas sob a forma de longa duração, formando a **mentalidade**; de média duração, configurando as **ideologias**; e de curta duração, enformando as **representações sociais**. No âmbito peculiar do Conhecimento, as temporalidades de longa duração constituem o **paradigma**; as de média duração, as **teorias**; as de curta duração, as **metodologias**.

Quanto ao Conhecimento, como referencial mental-simbólico peculiar de longo alcance temporal – paradigma, pertence ao grande baú da **mentalidade**; como variações do paradigma, e de média duração temporal, as **teorias** se inscrevem nas **ideologias**; como variações práticas das teorias, no tempo curto, as **metodologias** se inscrevem nas **representações sociais**.

Estas leituras horizontal e vertical, aqui apresentadas de modo esquemático, para fins didáticos, na práxis humana, são flexíveis: os elementos de cada tríade e estas se movem dinamicamente: Do alto para baixo, de baixo para o alto, da esquerda para a direita, da direita para a esquerda. Assim, para citar um exemplo: se utilizo determinados procedimentos de leitura acadêmico-científica, eles podem enraizar-se em determinados paradigma e teoria, combinando temporalidades longa, média e curta; posso construir interpretações sobre acontecimentos, que serão representações sociais inscritas em uma certa ideologia de duração média.

Representações Sociais: a peça final do encaixe ou o último membro da família das elaborações mentais-simbólicas

Quando, inicialmente, propusemos as articulações entre as três famílias – das elaborações mentais-simbólicas, das temporalidades e do conhecimento –, as duas

últimas foram formuladas com maior clareza, porque há, de certa maneira, uma consolidada sistematização reflexiva sobre as relações entre paradigma-teorias-metodologias; e porque Braudel deu um considerável empuxe à reflexão histórica sobre as distinções no interior da duração.

No entanto, no campo da família mais abrangente, que podemos chamar de família do imaginário, há dificuldades mais complexas no tocante às articulações entre o que podemos denominar de várias durações ou ritmos de elaborações mentais-simbólicas. Seja porque esta conceituação seja mais fluida seja porque as reflexões sobre mentalidade-ideologias-representações sociais provenham, elas próprias, de distintos lugares sociais de elaboração: mentalidade, expressão cunhada, sobretudo, pelos *Annales*; ideologia, termo vincado pelo marxismo; representação social, de cariz, principalmente, dos campos da Sociologia e da Psicologia.

Em um primeiro momento, pensamos que a peça que faltava no quebra-cabeça das famílias, ou o seu membro ausente, pudesse ser o discurso ou a formação discursiva. Depois, descartamos a idéia por considerá-la inadequada ao lugar de encaixe: a sua correspondência ao tempo curto e à metodologia, de modo específico, porquanto formação discursiva nos parece um conceito transversal a todas as famílias, horizontal e verticalmente.

Por outro lado, são muitas as correntes de pensamento que teorizaram sobre Representações Sociais, de modos bastante díspares, favorável ou desfavoravelmente. Neste último caso, de um modo geral, estão as correntes chamadas de pós-modernas, cuja crítica ao uso do termo se apóia no argumento da não-reflexividade entre a realidade e as interpretações que dela se fazem. Algumas vertentes teóricas pós-modernas, até chamadas de pós-críticas – denominação, aliás, comprometedora –, vão a um ceticismo precedente: negam a existência mesmo da realidade externa ao sujeito ou de um referente para os processos discursivos que constitui o foco das suas interpretações.

Sem desmerecer contribuições de teorias pós-críticas – não apenas delas, pois que as houve, também, de teorias críticas –, para a configuração contemporânea de uma razão aberta, contra as armadilhas da razão instrumental, nossa perspectiva se situa no terreno das teorias críticas arejadas por contributos da hermenêutica.

A questão de *representação mental* já estava posta entre os gregos, na Antiguidade Clássica, no debate entre o pensamento platônico e o pensamento aristotélico acerca das *impressões* (afecções ou “marcas”) deixadas na pessoa pelo tempo decorrido. Acerca, também, da evocação (memória) de tais impressões como presença de

um ausente, e as possibilidades de sua dimensão veritativa; bem como da distinção entre simulacro e imitação e as relações entre lembrança e imaginação.

Muitos séculos mais tarde, no processo instituinte da Sociologia como campo de estudos, Durkheim formula o conceito de *representações coletivas*, que serviria depois de suporte, com modificações, à Teoria das Representações Sociais da Psicologia Social. Para o sociólogo, as representações coletivas (conhecimentos e crenças-mitos, religião, ciência) são regidas por regras distintas daquelas que regem as representações individuais; o pensamento organizado pressupõe a vida social e vice-versa e as suas categorias básicas se situam na experiência social. Mas tais representações coletivas não equivalem à soma das representações individuais dos membros de uma sociedade, são mais do que isso e realizam a transmissão da herança coletiva de conhecimentos (o patrimônio cultural) das gerações anteriores.

Já na 2ª metade do século XX, a Psicologia Social européia, reagindo ao behaviorismo e a concepções dicotômicas entre o individual e o coletivo, empreenderam reformulações em seu campo de estudos, deslocando a sua ênfase para o cognitivismo. A Teoria das Representações Sociais emerge nos anos sessenta, sistematizada por Serge Moscovici, em *Psychanalyse: son image et son public.*(1961), para quem essa teoria tomou contributos da Sociologia (Durkheim) e da Antropologia (Lévi-Bruhl), da teoria das representações infantis de Piaget e da teoria do desenvolvimento cultural de Vygotsky, e da própria teoria histórico-crítica da Escola de Frankfurt, constituindo-se como *uma forma sociológica de Psicologia Social* ou, em outras palavras, o estudo das dimensões sociais dos processos cognitivos. Pode-se sintetizar a Teoria das Representações Sociais em algumas idéias-chaves: a) as relações dialéticas entre indivíduos e entre eles e o meio ambiente, da qual resultam informações e conhecimentos (representações sociais), produzidos pelos indivíduos e suas memórias, e aos quais eles (indivíduos) dão significação; b) tais representações como fenômenos cognitivos (imagens, conceitos, categorias, teorias), mas para além deles, abrangendo valores, motivações, normas, identidades, interesses; c) as relações das representações sociais com a vida cotidiana, constituindo um *sensu comum*, compartilhado por todos e que possibilita aos indivíduos se comunicarem, pensarem, interpretarem e agirem sobre a realidade, o que confere às representações um sentido prático; d) as representações sociais como orientadoras e elementos de compreensão dos comportamentos sociais, explícitos e implícitos, motivados e normatizados socialmente; e) a estrutura social como um componente essencial do cotidiano vivido, que permite a expressão da

subjetividade dos indivíduos, mediante suas interações (intersubjetividades), porquanto os seres humanos são pensantes e atuantes; e) a importância da linguagem na ordenação do mundo, objetivando e dando significados às experiências vividas; f) as representações sociais como elementos dinâmicos, não constituindo apenas uma herança coletiva determinista e estática, pois os indivíduos interferem sobre as mesmas, com suas semantizações, e agem a partir das mesmas; g) a distinção entre conhecimentos reconhecidos socialmente: de um lado, o senso comum compartilhado coletivamente, acessível a todos os integrantes da sociedade; de outro, o saber científico, especializado, de acesso restrito a especialistas; h) as lutas em torno das representações sociais como lutas simbólicas de comunicação entre os indivíduos, de significação do mundo e de intervenção no mesmo; i) a importância de se conhecer o contexto de produção das RS.

Também a fenomenologia oferece contribuições ao conceito, ao desenvolver reflexões sobre a memória. A dimensão veritativa desta última é retomada (ser fiel ao passado ou não), sob novos olhares, em que a memória é interpretada como uma *visada* (ação da consciência intencional sobre um objeto) e são identificados diferentes processos mnemônicos em um fundo memorial abrangente. Distingue-se *recordação laboriosa* de *recordação instantânea* na ação entre ação e representação, constituindo-se vários planos de consciência, em um espectro que percorre da *reprodução* à *invenção*, permeados tais planos pela experiência comum. Bergson, um dos mestres da corrente fenomenológica, considerava que as *representações por imagens* significam um esforço de intelecção ou reflexão (RICOEUR, 2007, p. 47). Ou seja, o trânsito da lembrança para a lembrança-imagem é a passagem do virtual ao efetivo, da nebulosa para a materialização, "do fundo para a superfície, das trevas para a luz, da tensão para o relaxamento, do alto para as camadas mais baixas da vida psíquica" (IDEM, p. 68). Outro mestre da fenomenologia, Husserl, configurou a memória como a *consciência íntima do tempo*, daquilo que dura – *epokhe* – e formulou uma importante distinção entre lembrança primária (apresentação) e lembrança secundária – *re(a)presentação laboriosa*. Para o filósofo alemão, a *re(a)presentação* é um modo de apresentação da lembrança, a sua presentificação, o que é distinto de representação. Lembrança primária e lembrança secundária são variedades temporais de presentificação. A lembrança pertence ao mundo da experiência. Segundo Husserl, a imagem pode jogar com entidades fictícias quando não representa o real: ficção e fingido situam-se fora da apresentação.

Com base na corrente fenomenológica e na hermenêutica, o filósofo francês Paul Ricoeur sistematizou um conjunto de densas reflexões sobre o tema da memória, que nos

interessam por se referirem a representações sociais bastante específicas sobre o tempo histórico:

- a) no ato de lembrar, “não nos lembramos somente de nós, vendo, experimentando, aprendendo, mas das situações do mundo, nas quais vimos, experimentamos, aprendemos! (IDEM, p. 53);
- b) “a reflexividade é um rastro irrecusável da memória, em sua face declaratória” (IDEM, p. 53-54);
- c) a memória pertence à interioridade, mas um idealismo subjetivista pode impedir a reflexividade de relacionar-se dialeticamente com a mundanidade;
- d) os modos mnemônicos – recordar, ter reminiscências, reconhecer (CASEY apud RICOEUR, 2007, p. 54) – deslisam entre a fenomenologia e a intencionalidade;
- e) a lembrança é presente como a mesma; a lembrança primeira aparece como outra. O presente é ausência, diferente da presença; este presente é anterior, porque é diferente do presente;
- f) a lembrança é a re(a) apresentação do tempo decorrido (para trás e de novo);
- g) o passado reconhecido é o passado percebido;
- h) o esforço da memória, em grande parte, é esforço de datação (fase reflexiva ou declarativa da recordação);
- i) para Aristóteles, o *antes* e o *depois* são distinções discriminantes em relação ao movimento do tempo;
- j) toda efetuação ritual pressupõe a correção de um mito que orienta a lembrança para o que é digno de ser comemorado;
- l) a comemoração é uma espécie de evocação, de eventos fundadores reatualizados, chamados à lembrança. Comemorar é solenizar (CASEY apud RICOEUR, 2007, p. 60);
- m) celebrar requer a articulação entre espaço e tempo fenomenológicos e o espaço-tempo cronológico, pois os acontecimentos e atos fundadores são ligados a um calendário;
- n) a perenização se dá por reafetuações rituais: “comemoração é o ato mais loucamente contra o esquecimento” (RICOEUR, 2007, p. 60), pois “o tempo consome e desfaz” (Aristóteles Apud RICOEUR, 2007, p. 60).

Considerações Finais

Dessas várias reflexões/contribuições, extraímos elementos para construir um conceito de Representações Sociais compatível com nossa proposição das tríades. A

saber: as RS são elaborações mentais, cognitivas e não-cognitivas, produzidas pelos indivíduos, no tempo cotidiano, em suas relações comunicativas com o mundo (natureza e sociedade), incluindo presentificações das lembranças de forma primária ou laboriosa.

Assim, na inserção das RS nas tríades acima expostas, essas elaborações correspondem a uma espécie de fundo abrangente de percepções/repertórios disponíveis para a compreensão do mundo e para a ação sobre o mesmo. Por sua feitura no tempo cotidiano, têm correspondência com a curta duração, mas, pela evocação de memórias, imergem em elaborações mentais mais duradouras (ideologias e mentalidade), desse modo, nas temporalidades mais extensas (conjunturas e estruturas).

Já na dimensão do conhecimento, podemos aventar que as representações sociais, também reúnem suas características gerais acima configuradas, mas adicionadas de características próprias: são mais especializadas, situando-se no espectro dos planos de consciência tendencialmente mais próximos à criação, e se valendo de presentificações mais laboriosas. Produzidas na curta duração, imergem nas durações mais extensas (teorias e paradigma) e em elaborações mentais-continentes, mais abrangentes (ideologias e mentalidades). São representações sociais peculiares porque mais intencionais do que espontâneas: compreendem não apenas um conjunto de regras e procedimentos organizados e sistemáticos para a elaboração de representações sociais, mas pressupostos filosóficos e teóricos, conceitos e abordagens, e, sobretudo, criticidade, razão pela qual as denominamos de metodologias.

Com isto, não negamos que, nas representações sociais abrangentes, do *sensu comum*, estejam presentes todos esses elementos (pressupostos, conceitos, abordagens). Mas a diferença entre tais representações sociais e as representações sociais científicas (ou epistemológicas) parece residir em vários aspectos: as primeiras constituem saberes mais imediatos e práticos; mais espontâneos e opinativos; menos veritativos, e os elementos nela presentes são mais implícitos. Ao passo que, no conhecimento, os elementos são mais explícitos e suas representações são mediatas e nem sempre práticas; mais induzidas, mais focadas na dimensão veritativa, e, sobretudo, orientadas pela criticidade tanto das representações sociais de senso comum quanto das suas próprias representações.

Sobre a relação entre o tema desta comunicação e a temática central desse Encontro – as celebrações –, podemos dizer, sumariamente, que tais celebrações representam um conjunto de representações sociais de reafirmações ritualísticas de eventos, orientadoras da lembrança, de que o cotidiano está pleno, contra o

esquecimento, assim como está de ocultações, no jogo de disputas simbólicas. Mas esse já é um outro tema para outras reflexões.

Um último aspecto que gostaríamos de ressaltar, na construção argumentativa aqui realizada e apresentada, é o significativo peso nela adquirido pelo componente psicológico, mesmo que, marcantemente, do campo da psicologia social. Tal situação é, de certa forma, distintiva das argumentações utilizadas no trabalho que inicia a proposição das tríades, anteriormente mencionado, nas quais prevaleciam, *grosso modo*, componentes do campo da filosofia, no caso da geração paradigma-estruturalidade, e do campo das ciências sociais (história e sociologia, sobretudo), no caso da geração teoria-conjuntura-ideologia. Ao nosso ver, este aspecto denota, ainda mais, a progressiva redução/restricção (ou ampliação a depender do sentido de percurso) de abrangência ocorrida na transição entre gerações, o que reforça, ainda mais, a compatibilidade buscada para localizar as Representações Sociais na terceira geração (na família das elaborações mentais-simbólicas), fazendo companhia ao método e ao acontecimento.

Isso posto, e reconhecendo os limites desta abordagem, que não pretendeu – nem poderia fazê-lo – esgotar as nuances desse debate, gostaríamos, mesmo assim, de reafirmar nossa convicção na suficiência das considerações apresentadas para confirmar nossas hipóteses.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAUDEL, Fernand. **O Mediterrâneo e o mundo mediterrânico na época de Filipe II**. Lisboa, Portugal: Martins Fontes, 1983. 2 v.

_____. Posições da História em 1950, In **Escritos sobre a História**. São Paulo, SP: Perspectiva, 1992. p.. 17-38.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

DURKHEIM, Émile. **Formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Paulinas, 1989.

_____. As regras do método sociológico. In: **Durkheim, vida e obra** (Os pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 203-245.

GUARESCHI, P. A . & JOVCHELOVITCH, S. **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1994.

HAWKING, Stephen W. **Uma breve história do tempo**. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 1999.

JODELET, D. La representación social: fenómenos, concepto y teoría. In: MOSCOVICI, S.(ed.). *Psicología social*. Paris: Press Universitaires de France, 1984, p. 31-61.

MOSCOVICI, Serge. Prefácio. In: GUARESCHI, P. & JOVCHELOVITCH, S. (orgs.). **Textos em representações sociais**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

NÁDER, Alexandre Antônio Gíli. Tempo e conhecimento: dialética da duração e fundamentos da narrativa para uma História recente/ presente (1968-2002) da Educação Superior Brasileira. 2004. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004. Mimeo. Orientada por Rosa Maria Godoy Silveira-

RICOEUR, Paul. **Memória, História, Esquecimento**. Tradução de Alain François [et al.]. Campinas : Editora da UNICAMP, 2007.